

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

TERCIANE SANTOS CASTRO

**O ENSINO E A PRÁTICA DE LEITURA EM UMA TURMA DO 8º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL II EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE PARINTINS - AM**

**PARINTINS – AM
2023**

TERCIANE SANTOS CASTRO

**O ENSINO E A PRÁTICA DE LEITURA EM UMA TURMA DO 8º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL II EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE PARINTINS - AM**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em letras da Universidade do Estado do Amazonas para a obtenção do grau de licenciada em Letras, pela Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP/UEA.

Orientadora: MSc. Dilce Pio Nascimento

**PARINTINS – AM
2023**

TERCIANE SANTOS CASTRO

**O ENSINO E A PRÁTICA DE LEITURA EM SALA DE AULA DO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Aprovado em: __/__/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. MSc. Dilce Pio Nascimento (CESP/UEA)
Orientadora

Prof. Dr. Franklin Roosevelt Martins de Castro (CESP/UEA)
Membro Interno

Prof. MSc. Adriano Pinto Marinho (SEMED)
Membro Externo

DEDICATÓRIA

A Deus que nunca me abandonou e que me mostrou que tudo era possível.
À minha querida e inesquecível mãe/vó (*in memoriam*) que me criou com todo amor do mundo, enquanto minha mãe biológica trabalhava.
À minha família que sempre esteve comigo me dando suporte e força para concluir este processo.
Aos amigos que fiz nessa jornada árdua de universitária.
E à minha eterna turma Let18, vocês foram essenciais para minha caminhada.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, sem dúvida alguma sem Ele eu não estaria aqui concluindo essa etapa da minha vida, sempre senti a mão dEle nos momentos mais difíceis, eu realmente agradeço muito a Deus. É através dEle eu sempre compreendi que enquanto o meu momento não chegasse eu podia assistir aos meus amigos brilharem e sentir a felicidade junto deles.

Agradeço hoje com o coração ainda em pedaços a minha querida mãe e avó, Rita, aquela que mesmo com todas as dificuldades escolheu me criar, e assim ajudar a minha mãe biológica na minha criação. Hoje a senhora não está mais aqui para ver de perto a concretização do nosso sonho. Apesar de saber que este sonho me tiraria de perto da senhora, não deixou de me incentivar. A senhora deixou um belo legado. Eu agradeço a família que a senhora me deixou, hoje são eles que estão comigo sempre, prontos para me ajudar, minha família materna é a melhor, e em nome do papai Tito e de minha mãe biológica Lala, agradeço a todos da minha família.

À minha professora e minha orientadora Dilce, nunca me arrependi de ter lhe escolhido para esta fase da universidade, você foi a melhor sempre. E porque você sempre acreditou na minha capacidade de concluir isto que hoje estou aqui. Suas palavras me fizeram muita das vezes sair da maré de pensamentos de que eu era incapaz de realizar este trabalho, muito obrigada mesmo, levarei seus ensinamentos para toda a minha vida, desculpas pelos dias “fugindo”, mas obrigada por me entender e me fazer entender que meu momento ia chegar, me mostrou que eu só precisava acreditar em mim.

A todos os meus professores que foram a minha ponte para aquisição de conhecimento, fazendo com que eu quisesse me tornar uma professora que ao mesmo tempo que ensina, aprende e ama a profissão escolhida, ao qual vocês foram peças fundamentais. Muito obrigada, Celeste, Dilce, Delma, Franklin, Gleidys, Grizoste, Luís Alberto, Marlon e Patrícia, me formo por conta de tudo o que aprendi com vocês.

Não tem como não agradecer a minha querida turma Let18, vocês desde o primeiro período me fizeram acreditar que eu conseguiria terminar esse curso, afinal estávamos sempre unidos, fosse na alegria ou nas tristezas porque ninguém larga a mão de ninguém. Seguimos assim e hoje, apesar de não estarmos concluindo este curso juntos, não deixamos de apoiar uns aos outros. Muito obrigada, foi uma benção

ter caído em uma turma como a nossa. Amizade, companheirismo, estudos e muitas piadas.

Deixo registrado aqui meus agradecimentos a Luana, Gustavo, Tayane. Lembro das vezes que vínhamos andando tarde da noite da UEA e acompanhávamos uns aos outros para que chegassemos em segurança em casa, como eu agradeço a parceria que vocês tiveram, não só nestes momentos, mas em muitos outros. A vontade de desistir era grande, afinal a distância de casa para a UEA andando era enorme, mas vocês foram parceiros sempre.

Agradeço a Hayra, Sanis e Hosvano, parceiros, amigos, a minha “família” da Casa do Estudante, quantos momentos juntos, quantas confusões dignas de “irmãos”. Muito obrigada por estarem comigo. Hosvano que mesmo todo calado, tímido sempre esteve por perto, me fazendo raiva e sendo parceiro também. Sanis e Hayra duas personalidades diferentes, mas que juntas me faziam ri e agradecer por Deus ter nos colocado ao mesmo tempo nessa casa. Desde o primeiro contato nos demos bem e seguimos até hoje, vocês não sabem o quanto me ajudaram sem saber e ajudar vocês me ajudaram também. Com toda certeza levarei vocês no coração independente do rumo que nossas vidas tomem.

E por falar em Casa do Estudante, tenho muito a agradecer a estadia aqui e principalmente a Professora Keyla, me lembro das vezes que estava lutando por uma vaga na Casa e ela, mesmo comigo quase desistindo, ela não desistiu, talvez ela nem lembre, mas eu continuei aqui porque ela conseguiu isso. Muito obrigada, ela sempre entendeu as dificuldades e especificidades de cada estudante.

Por fim, e não menos importante, muito pelo contrário, importante até demais, agradeço ao meu grupo que está comigo desde o primeiro período, mais que isso, desde o primeiro dia dentro da universidade. Sabrina, Sophia, Erick e Dayane, o quão maravilhoso foi ter a amizade de vocês, peço que Deus abençoe vocês sempre. Eu sempre soube que podia contar com vocês, e Day sabe, o mundo precisa de mais pessoas como você, alguém que esbanja humildade. Você não tem noção o quanto agradeço por cada perrengue que tu me tiraste, você é uma das peças fundamentais para eu estar entregando esse trabalho, serei eternamente grata a você.

Obrigada CASA VERDE, você me proporcionou momentos inesquecíveis, alguns momentos tensos claro, mas me deu a oportunidade de mudar a minha realidade, de construir um sonho, obrigada! À Deus, à minha família, aos amigos da Let18 e aos meus professores minha gratidão!

RESUMO

A temática “O ensino e a prática de leitura em uma turma do 8º ano do ensino fundamental II em uma escola pública de Parintins- AM” busca trazer a realidade dos alunos que estão crescendo em uma sociedade com pouco incentivo à leitura de textos literários e menos acesso a livros, percebemos isso pelo baixo índice de leitores no Brasil. Este trabalho busca mostrar que a sala de aula, a escola e a família podem fazer com que as crianças e adolescentes despertem para a leitura, não apenas como uma exigência educacional para notabilizar os alunos, mas mostrar as vantagens que o hábito da leitura propicia. O trabalho está pautado na pesquisa-ação e bibliográfica de abordagem qualitativa com enfoque dialético, na medida em que investiga uma realidade social e intervém sobre ela, buscando analisar as práticas de incentivo à leitura em sala de aula frente às novas diretrizes educacionais propostas pela BNCC. Com este trabalho, destacamos que a escola e a família precisam andar juntos para o bom desempenho dos alunos, que a experiência leitora é uma construção em ciclo que inicia desde o ambiente familiar e continua na escola.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem. Prática de Leitura. Professor. Aluno. Escola.

ABSTRACT

The theme "The teaching and practice of reading in an 8th grade class in a public school in Parintins- AM" seeks to bring to light the reality of students who are growing up in a society with little incentive to read literary texts and less access to books, as we can see from the low rate of readers in Brazil. This work seeks to show that the classroom, the school and the family can make children and teenagers wake up to reading, not just as an educational requirement to make students stand out, but to show the advantages that the habit of reading provides. The work is based on action and bibliographical research with a qualitative approach and a dialectical approach, in that it investigates a social reality and intervenes in it, seeking to analyze the practices of encouraging reading in the classroom in the face of the new educational guidelines proposed by the BNCC. With this work, we emphasize that school and family need to work together for students to perform well, and that the reading experience is a construction in a cycle that starts in the family environment and continues at school.

Keywords: Teaching and learning. Reading practice. Teachers. Students. School.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I: CONCEITO DE LITERATURA E SUAS FUNÇÕES	11
1.1 O ENSINO DA LITERATURA	11
1.2 LETRAMENTO LITERÁRIO: DO MUNDO DA LEITURA PARA A LEITURA DO MUNDO.....	16
1.3 A LEITURA NA PRÁTICA DOCENTE	18
CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	22
2.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	22
2.2 TÉCNICAS DE PESQUISA	23
2.3 DESCRIÇÃO DO UNIVERSO DA PESQUISA.....	24
2.4 APLICAÇÃO DA OFICINA	26
CAPÍTULO III: RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS	29
3.1 PRÁTICAS DE LEITURA: A PERCEPÇÃO DOCENTE	29
3.1.1 Conceito de Leitura	29
3.1.2 Dificuldades de Leitura	31
3.2 PRÁTICAS DE LEITURA: A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS	36
3.2.1 Caracterização da Turma Investigada	36
3.2.2 A Leitura na Escola	40
3.2.3 Motivação para Leitura	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS.....	47

INTRODUÇÃO

A leitura de textos literários em sala de aula é uma importante prática que precisa ser incentivada como forma de desenvolver o pensamento crítico dos alunos. A falta dessa motivação pode prejudicar o desempenho do aluno em suas atividades escolares, considerando que a leitura é um dos pilares que propicia o desenvolvimento da análise crítica do aluno segundo os pressupostos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que estabelece o eixo da leitura no processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa.

A ausência da prática de experiência leitora pode resultar na formação de alunos com dificuldades de discutir, conversar e debater sobre assuntos básicos da diversidade literária existente no Brasil e no mundo, bem como desconhecer o caráter social presentes nas obras literárias. O incentivo à prática da leitura em sala de aula é uma temática importante a ser discutida, principalmente, considerando as novas diretrizes educacionais curriculares que dão ênfase a leitura como eixo estruturante para o desenvolvimento das competências e habilidades da língua portuguesa.

Por isso, este trabalho de pesquisa visa identificar como se dá o processo de prática leitora no ensino fundamental II em uma escola pública de Parintins, mais especificamente em uma turma de 8º ano, buscando apresentar informações sobre como o aluno está sendo introduzido ao mundo da leitura dentro da sala de aula. Pretendemos compreender de que forma o aluno aplica em sua realidade social aquilo que ele aprende na escola, de que maneira isso reflete em seu mundo fora da sala de aula, uma vez que a leitura de literatura dentro da sala, ainda é vista pelo aluno como uma obrigação, apenas avaliativa, e não como algo que acrescente além das notas do boletim.

Se a leitura dentro de sala de aula fosse além de uma obrigatoriedade e/ou um componente curricular obrigatório, sendo entendida em seu conceito mais abrangente, para além do estudo da língua, mas sim no sentido de estimular a prática da leitura e perceber os diferentes gêneros textuais, entendendo a leitura como fruição, os alunos desenvolveriam o hábito pela leitura de forma pessoal, não apenas para cumprimento de uma disciplina. O aluno buscaria por iniciativa própria as leituras que lhe agradam e fazem com que este se reconheça no texto. Além disso, por meio da leitura o aluno pode entrar em contato com outras realidades.

Como intuito de mostrar a importância de incentivos a leitura no ensino fundamental II, este trabalho de pesquisa buscará trazer outro olhar sobre a prática de leitura em sala de aula, mostrando que o gosto do aluno pela leitura é resultante da forma com qual a este tem contato com ela. Sendo esse trabalho fruto de uma pesquisa-ação, pois terá contato com o social e isso é uma característica deste tipo de trabalho.

O universo literário é grandioso e vasto, é notório que não se pode apresentá-lo por completo em algumas poucas horas de aula, porém, no atual sistema educacional é visível a falta de incentivo quanto a leitura. O espaço dado a leitura é pequeno se compararmos com o espaço ordenado ao ensino da gramática, e quando estudada em sala de aula, os textos literários têm a função do ensino da gramática da língua portuguesa.

É possível dizer que a experiência escolar que não contempla um ensino mais aprofundado na leitura de literaturas, o que de fato, prejudica os alunos, pois estes desconhecem o caráter literário das obras, e a abordagem crítica, resultando em dificuldades de interpretação de textos e livros, por exemplo, em provas e vestibulares. Outra consequência pode ser percebida no ensino superior, porque acadêmicos cursando licenciatura em Letras, às vezes tem dificuldades nas disciplinas de literaturas, devido o déficit de aprendizagem dessa disciplina no ensino básico.

Para o alcance de nossos objetivos, este trabalho monográfico está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo descrevemos o referencial teórico que é base para análise dos resultados, discorrendo o conceito de literatura e suas funções com foco na atuação do docente e na prática leitora do aluno em sala. No segundo capítulo apresentamos os caminhos da pesquisa com a descrição dos procedimentos metodológicos e etapas da pesquisa. Por fim, no terceiro capítulo, analisamos os resultados obtidos a partir da observação feita em sala, bem como da oficina de leitura e dos questionários realizados com alunos e professores quanto ao ensino e a prática da leitura em sala de aula.

CAPÍTULO I: CONCEITO DE LITERATURA E SUAS FUNÇÕES

1.1 O ENSINO DA LITERATURA

A etimologia da palavra literatura tem origem no latim com a palavra “*littera*” que significa “letra”. Como tal, sua definição primária tem a ver com a capacidade e as habilidades de ler e escrever corretamente, entende-se também que a literatura abrange outras definições, fazendo parte de outras manifestações artísticas, o que faz dela algo muito importante dentro da sociedade, pois muito se aprende através da literatura. Não podemos dar à literatura apenas uma função fixa, pois ela pode exercer ou ser muitas.

A literatura pode mostrar que o mundo tem muitas histórias e que podem ser contadas de várias maneiras e é isso que faz a literatura ser tão importante. Conceituar esta arte é bem difícil uma vez que abrange muitas áreas e sempre se adequa ao contexto daquele momento. Aristóteles pensava a literatura como uma imitação da realidade por meio das palavras, ou seja, para ele a literatura era aquilo que através de palavras traduzia a vida real ou a imitava.

[...] imitar é natural nos homens desde a infância e nisto diferem dos outros animais, pois o homem é o que tem mais capacidade de imitar e é pela imitação que adquire os seus primeiros conhecimentos; a outra é que todos sentem prazer nas imitações (Aristóteles, 2008, p. 42).

Desta forma, considerando a perspectiva aristotélica, a literatura conseguia transmitir coisas, sentimentos ou ações. Por vezes, podemos entender que através do literário é possível representar o que não se consegue demonstrar por meio da arte e da liberdade que a literatura possibilita ao ser humano se expressar. O mundo literário vai além de tudo aquilo a que estamos acostumados ou que a sociedade nos condicionou a viver. A literatura transforma o mundo e, muitas vezes, dá muito mais sentido para ele, a abrangência do maravilhoso que é a literatura consegue ser ir além de simples conceitos, e mais do que simples imitação da realidade.

Aristóteles também dividiu a literatura em três categorias ou gêneros literários em que de forma mais organizada podemos separar cada história escrita em épocas e por escritores de diferentes pensamentos, mas que viram na escrita um jeito de expressa-se. Escritores que utilizaram a literatura para expor pensamentos, ideias, posicionamentos políticos, sentimentos, bem como trazer à tona assuntos importantes

que não falariam ou não podiam ser falados de maneira mais aberta dentro da sociedade que viviam.

Essa divisão de gêneros ficou da seguinte maneira: lírico, épico e dramático. Cada um desses gêneros tem um conceito que os diferenciam um do outro e assim os faz ser o organizador da literatura. Dentro desses gêneros encontramos uma diversidade de “mundos” visto pelos olhos de pessoas que tinham olhos abertos e cheios de curiosidade e dedicação à arte de escrever e por isso deixaram através de suas escritas inspirações para muitos.

Considerando isso, Culler (1999, p. 34) define a literatura como linguagem:

[...] é um ato de fala ou evento textual que suscita certos tipos de atenção. Contrasta com outros tipos de atos de fala, tais como dar informação, fazer perguntas ou fazer promessas. Na maior parte do tempo, o que leva os leitores a tratar algo como literatura é que eles a encontram num contexto que a identifica como literatura: num livro de poemas ou numa seção de uma revista, biblioteca ou livraria.

As ramificações da literatura a fizeram não ter uma única função e nem ser uma simples área de estudos, vai além, sendo considerado fundamental para a humanidade, sendo registro do conhecimento e da história da sociedade. Culler (1999, p. 36) elenca formas de ver a literatura, entendendo-a como linguagem, o autor aponta que “A literatura é linguagem na qual os diversos elementos e componentes do texto entram numa relação complexa”. O autor também entende a literatura como ficção, objeto estético, uma construção intertextual ou autorreflexiva, sendo “[...] uma prática na qual os autores tentam fazer avançar ou renovar a literatura e, desse modo, é sempre implicitamente uma reflexão sobre a própria literatura” (Culler, 1999, p. 41).

A literatura pode ser expressa de muitas formas, as narrativas que já se passaram ou que ainda estão por vir. A literatura é capaz de traduzir cada período e histórias passadas agregando valor para sociedade, por isso não pode perder seu espaço dentro da sala de aula e no mundo, por ser uma área de conhecimento ampla que pode possibilitar o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos.

O universo literário é grandioso e vasto, é notório que não se pode apresentá-lo por completo em algumas poucas horas de aula, porém, no atual sistema educacional é visível a falta de incentivo quanto a leitura de literaturas. O espaço dado a essa área é pequeno se compararmos o espaço ordenado a outras áreas de conhecimento. O pouco espaço que a ela é reservado ainda é usado para outros fins

como o ensino da gramática, evolução da escrita e reduzidamente é usada a literatura pela literatura como forma de incentivo para que os alunos apreciem a leitura.

Considerando a forma como a literatura é tratada em sala de aula, podemos classificar o ensino da literatura dentro dos paradigmas de Rildo Cosson, sendo este o paradigma moral-gramatical que pressupõe o uso do texto literário com a função de ensinar a norma culta da língua e a padronização da escrita.

Cosson (2020, p. 22) aponta que nesse paradigma:

os textos literários são, por um lado, tomados como modelos de escrita, determinando que suas estruturas composicionais e estilísticas sejam reproduzidas pelos alunos; por outro lado, são modelos de correção gramatical e uso adequado da língua, servindo certo ou errado de palavras, expressões e estruturas sintáticas, como se observa nos livros de gramática normativa.

Quando os professores utilizam as obras literárias de escritores como Machado de Assis, Monteiro Lobato, Cecília Meireles, Clarisse Lispector entre outros nomes da literatura brasileira, a função principal da literatura em sala de aula deveria ser para instigar os alunos o gosto pela leitura, porém é exatamente o contrário disso que acontece nas salas de aula.

Para Todorov (2009, p.22) a “literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características; não é por acaso que, ao longo da história, suas fronteiras foram inconstantes”, pois a literatura abrange vários espaços e áreas, sempre está em evolução e se moldando ao espaço e lugar em que se insere para que seu uso seja de forma eficaz.

Sendo assim, é necessário defender o ensino da literatura dentro da sala de aula, uma vez que ela passou a ser usada para outros fins, por isso é justo que sua autonomia enquanto área do conhecimento precisa ser respeitada. As grades de aula estão cada vez mais dando menos espaço para essa área, as formas de ensino estão se modificando, em tese isto parece ser uma medida para melhorar a educação, no entanto, percebemos que algumas disciplinas tão importantes estão perdendo sua importância dentro do currículo escolar.

Isso resulta no pouco contato dos alunos com disciplinas mais críticas e subjetivas como filosofia e sociologia, em que podemos incluir aí também a literatura que está dentro de uma outra disciplina, a Língua Portuguesa, sendo assim, a literatura não é estudada em sua essência mais como um recurso didático-

metodológico para o ensino de gramática e ortografia. Isso acaba colaborando para a falta de gosto pela leitura, uma vez que quanto mais se dá para o estudo formalizado dos textos a leitura se torna cansativa e menos prazerosa.

A BNCC ressalta a importância dos alunos em atividades de práticas de leituras como forma de ampliação dos seus conhecimentos:

A participação dos estudantes em atividades de leitura com demandas crescentes possibilita uma ampliação de repertório de experiências, práticas, gêneros e conhecimentos que podem ser acessados diante de novos textos, configurando-se como conhecimentos prévios em novas situações de leitura (Brasil, 2017, p. 75).

Dessa forma, destaca-se também a leitura de textos literários em sua essência como prática para o desenvolvimento das potencialidades do aluno. Destacamos a importância do estudo da língua portuguesa por meio do texto literário, mas também devemos incentivar em sala de aula a autonomia leitora do aluno como forma de fruição e não apenas ler o livro tendo em mente as regras gramaticais. A literatura em sala de aula acaba tomando esta finalidade e na maior parte das aulas de língua portuguesa é o recurso utilizado para o ensino-aprendizagem da norma culta, falar e escrever corretamente, o que não deveria ocorrer, pois a literatura é uma área de conhecimento autônoma.

A BNCC fala sobre como deve ser o ensino dentro de sala de aula, dividindo o espaço para todas as áreas, pois é:

[...] um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (Brasil, 2017, p. 7).

Sendo assim sabemos que os alunos devem receber uma educação pluralista, que deve abranger várias áreas sem exclusão de disciplinas ou assuntos, trazendo conhecimento de variadas formas para os alunos, de maneiras que os alunos sintam prazer em estar dentro da sala e se interessem cada vez mais sobre os assuntos tratados.

A natureza da literatura perfaz o encontro entre o mundo da leitura e a leitura de mundo, ela não pode ser só mais uma área de conhecimento desvalorizada, não deve perder sua essência dentro do ensino, tenho como memória o quanto a leitura

de literatura pode ser interessante e objeto de desenvolvimento do conhecimento, porém havia menos espaço para ela comparada as outras disciplinas e/ou conteúdo.

Todorov (2010, p. 8) explica sobre a constante ameaça que a literatura se encontra:

Não é difícil perceber que a literatura está sob ameaça. E pior: não se trata de um velho perigo, aquele decorrente da disputa agônica com oponente de peso como a filosofia socrática, que acusava de subversiva a arte poética-temida principalmente por sua potência encantatória.

Vê-se que não é de hoje que ela está sob perigo constante e que precisa ser protegida e defendida diante desse perigo, pois com sua extinção o ser humano não terá uma importante área do conhecimento para a sua formação em sociedade, isto já é visto, porque grande parte dos jovens não lê, e nem tem interesse na leitura, nos grandes livros de literatura.

Zilberman (1991, p 15) também mostrou que houve preocupação com essa falta de interesse que os jovens estavam com a leitura de literatura tempos atrás e pode ser observado pela autora:

Ao final dos anos 70, foi diagnosticada, às vezes de modo tão somente intuitivo, uma crise de leitura, caracterizada pela constatação de que os jovens, sobretudo os estudantes, não frequentavam com a desejada assiduidade os livros postos à sua disposição. Desde então, o tema assumiu contundência crescente, passando a ser discutido em encontros científicos, debates e comissões, com fito de tentar corrigir o quadro.

Com base nessas preocupações observadas pelos autores no passado deve-se ter um olhar mais atento para a forma que a literatura está sendo abordada nas escolas atualmente e como os jovens estão a recepcionando, é importante estudos que investiguem o interesse dos alunos pela leitura. O papel do professor na vida leitora do aluno é de grande importância, porque o docente poderá mostrar a eles um mundo diversificado e atrativo, em que os assuntos importantes são colocados de múltiplas maneiras, além de possibilitar que o aluno faça suas próprias escolhas de leituras que mais lhe agradam.

Alguns alunos chegam à escola sem ter contato anterior ou gosto pela leitura por vários motivos, um deles é sua condição financeira ou classe social que não o permite ter acesso a livros de quaisquer que sejam o gênero. Então, na escola, o professor pode promover práticas de incentivo à leitura e acesso à literatura dentro da sala, mostrando que há vários tipos de literaturas, livros literários e gêneros,

permitindo que os alunos experienciem a leitura de literatura em sua essência, incentivando também a autonomia leitora dos alunos.

1.2 LETRAMENTO LITERÁRIO: DO MUNDO DA LEITURA PARA A LEITURA DO MUNDO

A literatura pode ser a janela para conhecer o mundo, como afirma Cosson (2014, p.15) que o “[...] princípio é sempre o verbo que faz o mundo ser mundo para todos nós, até porque a palavra é a mais definitiva e definidora das criações do homem”. A palavra tem poder, e com a leitura podemos viajar por horizontes desconhecidos, assim fazer com que o mundo se torne parte do leitor e muito mais conhecido, mesmo que através de livros. Essa é a magia da leitura, levar o leitor para um universo paralelo, porém muito real para aquele que lê e se identifica com a leitura.

Em tese, quase tudo o que está escrito em livros pode ser ou ter sido uma realidade no presente ou passado, pode falar do hoje ou do ontem, te faz conhecer ou reconhecer coisas, lugares, pessoas. Há sempre mais de uma versão para a mesma história e isso é maravilhoso, encantador, pois é esse um dos grandes propósitos da literatura, promover viagens para aqueles que se debruçam no mundo da leitura e da literatura.

Cosson (2014, p.16) fala que “[...] praticamente todas as transações humanas de nossa sociedade letrada passam, de uma maneira ou de outra, pela escrita, mesmo aquelas que aparentemente são orais ou imagéticas”, ou seja, a vida tem um trilho para se seguir e nele a palavra e a leitura estarão sempre presentes mostrando que viveremos sempre com ela, assim precisamos dela para viver em sociedade, porque a leitura da palavra é resultado da leitura de mundo, ambas fazem parte da vida humana.

Para Lajolo (2011, s./p), a leitura pode ser entendida como jogo de troca que leva o aluno:

Do mundo da literatura para à leitura do mundo, o trajeto se cumpre sempre, refazendo-se, inclusive, por vice-versa que transforma a leitura em prática circular e infinita. Como fonte de prazer e sabedoria, a leitura não esgota seu poder de sedução nos estreitos círculos da escola.

Isso coloca a importância da troca que deve haver entre os “mundos”, alinhando-os para que os alunos vivam a leitura das ricas literaturas. Assim, ao avançar nas séries escolares, a leitura prazerosa continua fazendo parte da vida do educando, fazendo com que ele não deixe de viajar pelo mundo letras, sem sair do lugar, deslumbra outras realidades através de uma boa leitura. Que a vida leitora iniciada na sala de aula ultrapasse os muros da escola.

O mundo é tão cheio de aventuras e os livros podem transmitir cada uma delas para seu leitor, um mesmo livro lido por pessoas diferentes apresentará para cada um uma perspectiva diferente. Pode-se notar isto quando por exemplo ao colocar um mesmo livro para uma turma toda ler e após a leitura cada um compartilhar sobre aquilo que leu, perceberemos várias visões e mensagens que um único texto pode mostrar dependendo do leitor.

Essa é uma das possibilidades que os professores poderiam oferecer para os alunos, atividades em que o conhecimento seria compartilhado e exposto, porém de uma maneira prazerosa, com os alunos lendo obras cheias de conhecimentos e aventuras, onde o foco principal seria o gosto pela leitura e não só sobre a evolução gramatical do português em sua função escrita ou falada.

Não afirmamos aqui que o uso de literaturas para explicar a evolução da língua, da fala, da escrita seja inadequado, mas salientamos a importância que a leitura de literaturas deva ser tomada apenas nesse sentido, pois isso faz grande parte dos alunos se manterem bem distantes do mundo da leitura, mesmo que eles queiram ler, eles sempre vão associando contato com a leitura como algo chato, monótono e obrigatório.

As obras literárias podem muito bem ser do interesse do aluno e fazer lembrar a vida deles, afinal a leitura nos leva a ver além das linhas e páginas dos livros. Paulo Freire (1981, p. 9) em sua visão educacional, associa a palavra escrita com a visão de mundo, sua frase célebre diz que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”. O mundo é grande e assim cheio de histórias que podem ser reveladas através da literatura, mas que não está presente somente nas páginas dos livros, mas em qualquer gênero literário.

O que seria de nós sem os livros? Sem as histórias que eles trazem e que foram deixadas por aqueles que viveram antes de nós? Se temos acesso ao passado é porque estão registrados em livros e documentos que conta essas narrativas, que

foram alvo de inspiração para gerações passadas, presentes e futuras, trazendo possibilidades para refletir sobre diferentes épocas e entender o mundo atual.

Cosson (2014, p.10) escreve o seguinte sobre a forma como é utilizada a literatura em sala de aula:

[...] essa postura arrogante com relação ao saber literário leva a literatura a ser tratada como apêndice da disciplina Língua Portuguesa, quer pela sobreposição à simples leitura no ensino fundamental, quer pela redução da literatura à história literária no ensino médio.

Podemos ver a realidade do ensino da literatura e do espaço que ela tem dentro da escola, das salas de aulas, tanto no ensino fundamental quanto no médio. Se antes a literatura já tinha um espaço tão pequeno no ensino médio, hoje em dia isso está mais reduzido, principalmente com a reforma do ensino médio, que não deixou espaço para a literatura, apenas o mínimo espaço é possível observar em sala de aula. Isso prejudica ainda mais os jovens alunos e deixa a literatura literalmente em perigo.

Cosson (2014, p.10-11) ainda completa dizendo que “[...] a mesma arrogância que reserva à disciplina Literatura no ensino médio uma única aula por semana, considera a biblioteca um depósito de livros e assim por diante”. Para quem está por dentro do Novo Ensino Médio sabe o quanto de espaço dedicado à língua portuguesa aumentou em consideração ao espaço da literatura. Abriu-se espaço para os jovens serem ensinados a focar no meio de trabalho e não para pensar, refletir e criticar, enquanto a literatura vai sendo esquecida totalmente nas grades escolares.

Ao passo que os alunos nas séries iniciais não são incentivados ao gosto pela leitura, teremos pela frente alunos que terão dificuldades, na maioria das vezes, para se comunicar, interagir com o mundo, interpretá-lo e criticá-lo nas novas salas de aula. Todo dia temos uma mudança diferente no meio educacional, essa é uma problemática ainda discutida, se o novo sistema educacional é eficaz e trará a educação de qualidade que defende, o que se vê é o crescimento de analfabetos funcionais.

1.3 A LEITURA NA PRÁTICA DOCENTE

Consideremos aquilo que Calvino (2002) discute em *Porque ler os clássicos*, para o autor a leitura na juventude é pouco profícua, mas pode também ser muito prazerosa e formativa para experiências futuras. Podemos entender esse conceito

tomando por base a leitura como obrigação avaliativa, essa leitura para os alunos pode não ser proveitosa, por isso os alunos pensam que ler é uma chatice. É importante entender a leitura como prazer estético, mas também como forma de transmitir conhecimento às pessoas.

A prática da leitura tem lacunas desde a formação nos anos iniciais da vida estudantil onde o incentivo a essa prática já é pouco visto, então desde lá os alunos já não demonstram interesses por livros. Na realidade atual onde a tecnologia é que está ditando as regras, o cuidado tem que ser redobrado, o professor precisa mostrar ao aluno que ele é um leitor assíduo e que isso o faz ser um conhecedor e eterno desbravador do mundo, assim sempre aprendendo sobre assuntos diversos. Desta maneira já começará a fazer seus alunos começarem a ter contato com os livros.

O professor deve ser um incentivador de buscar por conhecimento onde o aluno se espelhará nele para estar sempre buscando novas aventuras em livros desde os mais conhecidos e até aqueles que não tem muito prestígio ou são conhecidos pela sociedade.

Calvino (2002) reflete acerca daquilo que é um clássico e como algumas pessoas identificam a leitura desses livros, uma das primeiras questões abordada no livro é que “Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: Estou relendo... e nunca Estou lendo [...]”, porque tende a se imaginar que em algum momento da vida a pessoa já leu mesmo que de forma rápida aquele clássico.

Os jovens deveriam ler livros clássicos, mas ao invés disto o que fazem é apenas “passar os olhos”, pois o contato que eles têm com os livros clássicos em sala de aula é de maneira rápida. Às vezes, na escola se o aluno conhece as histórias clássicas de forma resumida, somente fragmentos, e se o aluno desejar ir além, nem sempre as escolas possuem biblioteca com acervo além dos livros didáticos, isso dificulta o acesso do aluno à leitura.

Em algumas escolas, há falta de investimentos em bibliotecas equipadas e com espaço para que os alunos possam desfrutar de maneira agradável dos livros em tempos livres. Temos também o lado do professor que tem uma lista de assuntos e uma carga horária rígida para cumprir dentro da escola, há uma sobrecarga no currículo, o tempo que poderia ser reservado para uma prática prazerosa de leitura com os seus alunos não existe. Por outro lado, há o aluno que não tem o incentivo para a leitura prazerosa nem dentro ou fora da sala de aula, somente de maneira que

o faz entender ser uma leitura obrigatória. Dito isto, vemos uma educação com ausência de incentivo à prática de leitura.

A realidade que os livros literários estão abaixo dos livros didáticos, aqueles livros que são distribuídos para as escolas e que neles os alunos e professores devem se basear para aquisição de conhecimento foi observado por Cosson (2014, p.19), onde ele explica como os textos literários estão ficando sem seus espaços:

[...] como se registra no livro didático, os textos literários ou considerados como tais estão cada vez mais restritos às atividades de leitura extraclasse ou atividades especiais de leituras. Em seu lugar, entroniza-se a leitura de jornais e outros registros escritos, sob o argumento de que o texto literário não seria adequado como material de leitura ou modelo de escrita escolar, pois a literatura já não serve como parâmetro nem para a língua padrão, nem para a formação do leitor, conforme parecer de certos linguistas.

Esse é o espaço que a literatura está perdendo e o docente, de certa forma, está colaborando para a falta de gosto dos alunos pela leitura, uma vez que quanto mais espaço textos muito formais que são usados para fins do estudo da gramática e são empurrados goela abaixo para os alunos, perde-se mais leitores. Os alunos do ensino fundamental devem ter a gramática e o estudo da evolução da escrita como prioridades, porém deve ser também prioridade o estudo mais a fundo da literatura porque em breve eles farão as provas de vestibulares e a análise de textos literários são base para a maioria das provas.

As provas para ingressar em universidades há textos que muitas vezes os alunos não tiveram contato nos anos da educação básica, apenas de forma rápida e fragmentada, porém nas provas há uma exigência mais profunda e analítica dos textos clássicos que para os alunos é difícil a interpretação porque não foram explorados em sala de aula. Ao chegarem no ensino superior, no curso de Letras, esses mesmos alunos possuem um desconhecimento em relação às essas obras que dificultam seu desempenho acadêmico.

Entende-se que ao os estudantes ao irem avançando de série estejam sempre com os estudos em dia, dentro dos padrões e regimentos do ensino espera-se que estes alunos passem da alfabetização e cheguem ao fundamental I sabendo ler, ao chegar no fundamental II esse aluno deve saber ler e já está começando a fazer pequenas críticas diante daquilo que leu e, por fim, ao chegar no ensino médio, o aluno é cobrado pelo professor e pela sociedade um conhecimento gigante sobre obras, histórias clássicas e comum de grandes escritores e poetas.

O sistema educacional ainda é falho , por vezes, acontece de o aluno chegar ao ensino fundamental II e não conseguir fazer a interpretação de um texto. Essa é uma realidade triste, mas existente, isso se torna mais grave ao vermos que essa realidade se prolonga até o ensino médio.

Mesmo com os novos pressupostos educacionais estabelecidos na BNCC, as escolas estão passando por um processo de adaptação a essas novas práticas. É importante considerar a filosofia que norteia a BNCC que sistematiza o estudo das linguagens em quatro eixos estruturantes: leitura, produção textual, oralidade e análise linguística/semiótica.

Nesse sentido, a BNCC define que a leitura na educação:

[...] compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades (Brasil, 2017, p. 71).

Sabe-se também que o professor não recebe um bom apoio, geralmente, da gestão para trabalhar de maneira mais dinâmica, então ele sempre está preso a maneira tradicional de dar aula. Isso também é um problema e por mais que o professor queira trabalhar de maneira mais lúdica esse tipo de conteúdo, a leitura sem apoio e sem uma boa estrutura para aulas dinâmicas, o professor cai na mesmice e os alunos seguem ignorando a importância da leitura.

Quando os alunos tiveram acesso aos livros de literatura, o foco era a evolução da escrita e quando foram levados a ter outra visão sobre a leitura já estão condicionados a um pensamento fechado para olhá-la de outra forma, assim terão em mente que todos os textos são cheios de regras gramaticais, evolução de escrita e ortografia. Os textos literários não são apenas um recurso para ensinar o falar ou escrever corretamente. A natureza da literatura perfaz o encontro entre a leitura de mundo e o mundo da leitura, sendo o professor é peça chave para isso.

CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa tem por objetivo investigar a prática leitora de textos literários no processo de ensino-aprendizagem para alunos do ensino fundamental II, bem como verificar a prática de incentivo à leitura para estes estudantes. Observando esses objetivos, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, tendo em vista que é necessário que o pesquisador conheça o universo da sua pesquisa e o conhecimento que já foi produzido e pesquisado, porém ela caminha com a pesquisa-ação, onde o *lócus* da pesquisa conta com um público diversificado, e por conta do trabalho ter a abordagem direta com “o foco do trabalho”.

Como esclarece Lakatos e Marconi (2003, p. 158), a pesquisa bibliográfica fornece dados atuais e relevantes sobre o tema investigado e “[...] pode ajudar a planificação do trabalho, evitar publicações e certos erros, e representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações”. Assim a pesquisa bibliográfica auxilia na escolha dos teóricos que nortearão os caminhos da pesquisa que pretendemos desenvolver.

Por se tratar de uma pesquisa que visa analisar uma realidade social, este trabalho é de abordagem qualitativa, porque pretende analisar o processo de ensino-aprendizagem de literatura a com alunos do ensino fundamental anos finais. Prodanov e Freitas (2013, p. 70) definem que “Na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo”.

Por isso, essa pesquisa também é de campo, considerando que o espaço escolar é o *lócus* da pesquisa, tendo como participantes alunos e professores de língua portuguesa do ensino fundamental II, de uma escola da rede pública de ensino de Parintins. Para a coleta de dados serão utilizadas como técnicas a observação, questionários, a fim de alcançar os objetivos propostos da pesquisa.

2.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Antes de iniciar esta pesquisa idealizamos vários cenários para as possíveis realidades que iríamos encontrar no *lócus* da pesquisa, considerando o cenário educacional atual do país, o cenário esse que ainda não é o ideal para que todos

tenham acesso à uma educação de qualidade. Se considerarmos as escolas em áreas periféricas ou regiões interioranas, essa realidade torna-se mais precária pela falta de investimentos aplicados de maneira correta pelos órgãos públicos à pasta da educação. Antes de entrar em contato com o *lócus* da pesquisa, talvez tenha tido um preconceito, uma vez que a escola não está localizada nas mediações mais centrais da cidade, porém também não é periférica, no entanto, é uma escola de pouca popularidade.

2.2 TÉCNICAS DE PESQUISA

As técnicas de pesquisa para fazer o levantamento de dados sobre as questões levantadas neste trabalho foram a observação direta e questionário, em que foi aplicado tanto para alunos quanto para a professora responsável da turma sobre a prática de leitura em sala de aula e o no ambiente escolar. A observação é uma técnica importante que auxilia o pesquisador a “[...] conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar” (Marconi; Lakatos, 2003, p. 190).

A partir dessas observações realizadas em sala de aula, aplicamos a técnica do questionário, bastante utilizada para obtenção de dados, principalmente quando se analisa um universo com mais participantes na pesquisa, essa técnica oferece vantagens nesse sentido.

Silveira e Gerhardt (2009, p. 69) aponta que o questionário é:

É um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, sem a presença do pesquisador. Objetiva levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas. A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta, para que quem vá responder compreenda com clareza o que está sendo perguntado.

Há várias técnicas para coletas de dados, o questionário é uma das mais utilizadas para obtenção de informações como afirma Gil (2002, p.115) “[...] pode-se verificar que o questionário constitui o meio mais rápido e barato de obtenção de informações, além de não exigir treinamento de pessoal e garantir o anonimato”, logo

será o meio mais utilizado para a aplicação em pesquisa, fazendo valer por toda a sua facilidade e praticidade para elaboração.

O questionário trata-se de algo que contém perguntas sobre determinado assunto, dependendo daquilo que o pesquisador quer saber sobre o *lócus* da sua pesquisa e os participantes, assim, a escolha da temática das perguntas deve estar em acordo com os objetivos da pesquisa.

A aplicação dos questionários se deu após a realização de uma oficina na turma observada. Foram elaborados dois questionários, um voltado aos alunos e outra para a professora da turma com o objetivo para perceber ambos os pontos de vista dos participantes sobre a prática de leitura em sala de aula.

A turma era composta de 16 alunos, sendo uma 1 aluna deficiência intelectual (DI) e mais a professora titular. Vale ressaltar também que a aluna com DI estava acompanhada da monitora que auxiliou a aluna na realização das atividades propostas na oficina e nas respostas do questionário. De maneira individual, cada aluno respondeu o questionário, mas antes foi lido e explicado sobre as perguntas de forma clara e objetiva.

2.3 DESCRIÇÃO DO UNIVERSO DA PESQUISA

O *lócus* de pesquisa é uma escola da rede municipal de ensino localizada em um bairro distante do centro da cidade, uma área quase periférica da cidade de Parintins-AM. O prédio da escola foi construído em um terreno cedido por um morador para a edificação da creche, pois a princípio a escola atendia os alunos do maternal. A escola passou por modificações ao longo dos anos desde sua inauguração em 1986 até os dias de hoje.

Foi inaugurada no ano de 1986 e atendia alunos do maternal, como uma creche, com alunos do bairro e adjacências. No ano de 1989, a escola passou a funcionar como pré-escola e sua clientela era alunos de 0 a 6 anos. Em 1999, por meio de Decreto Lei nº 010/2000 – PGPMP, houve a mudança de pré-escola para Escola Municipal de Ensino Fundamental, mas foi somente em 2003 por meio do Decreto Lei nº 013/2003 – PGPMP, que a escola se tornou, de fato, uma escola de ensino fundamental.

A escola passou por mudanças tanto na questão estrutural do prédio quanto no quadro de funcionários. Hoje, a escola está estruturada da seguinte maneira: 7 salas

de aula, 01 sala de recursos, 01 sala com biblioteca e laboratório de informática, 01 refeitório, 01 cozinha, 01 depósito de merenda, 01 sala para os professores, 01 secretaria, 01 sala para o(a) gestor(a), 07 banheiros, pátio e jardim.

Já o quadro de funcionários atualmente é composto pela gestora que atua desde 2018, 19 professores, 03 assistentes técnicos administrativos, 01 professor auxiliar de biblioteca, 02 professores apoio escolar, 01 professor PPDA, 05 auxiliares de docência AEE, 01 professor da sala de recursos, 03 auxiliares de serviços gerais, 02 cozinheiras e 03 vigias. Atendendo 268 alunos matriculados de 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, nos turnos matutino e vespertino.

A escola tem uma organização e preocupação com a educação de seus alunos, pelos dias que permanecemos na escola em estágio de observação, percebemos o comprometimento da escola no oferecimento de uma educação de qualidade. Promovendo trabalhos expositivos dos alunos, formativos, feiras, projetos e palestras que são desenvolvidos na escola, um local com confortável, onde professores, alunos e funcionários comunicam de forma educada e afetuosa, buscando fornecer corpo estudantil atividades que desenvolvam também sua formação cidadã em sociedade.

Foto 1: Palestra sobre “Diga não ao bullying”.



Fonte: Arquivo Pessoal. Castro, 2023.

Destacamos os espaços da escola que se relacionam mais a esta pesquisa, a sala de aula, a biblioteca e a sala de estudos, ambientes onde os alunos podem desenvolver suas atividades de leitura, trata-se de espaços de tamanho ideal para suportar a quantidade de alunos que ali estudam.

Um dos murais exposto nas dependências da escola mostra o painel de gestão que tem como meta escolar criar oportunidades a todos os setores que se relacionam com processo de ensino-aprendizagem a liberdade de pensamento, visando desenvolver a arte do saber, para favorecer a participação ativa do aluno, sua autonomia, criticidade e a formação de cidadãos atuantes na sociedade.

Estes aspectos definem bem a escola e o comprometimento com todos para o desenvolvimento de práticas educativas de qualidade, tem uma boa estrutura e um bom desempenho educacional com média de aprovação de 93,3%, segundo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), isso demonstra que a escola faz jus a frase de seu lema “educar é, antes de tudo, criar valores”.

2.4 APLICAÇÃO DA OFICINA

Tendo em vista o foco deste trabalho, buscamos propor atividades mais didáticas, dentro do que é a realidade em sala de aula, uma vez que o trabalho procurou introduzir aos alunos uma visão diferente da que eles tinham quanto a leitura de textos literários, para isto foi aplicado uma oficina de leitura com os alunos acompanhada da professora titular da turma.

Primeiramente, fizemos uma visita a escola para a apresentação da proposta da pesquisa, explicando para a diretora os objetivos do trabalho. Após o aceite da escola e da professora de sala, acompanhamos as aulas da disciplina de língua portuguesa na turma escolhida, para a coleta de dados por meio da observação direta de as aulas eram ministradas, a didática e a metodologia utilizadas. Esse momento também foi importante para a observação das aprendizagens dos alunos e, assim, fazer um diagnóstico da turma para a aplicação da oficina.

Para o dia da aplicação da oficina, a professora disponibilizou dois tempos de aula da disciplina que teria naquele dia, no entanto, alguns imprevistos aconteceram, como o atraso no início da intervenção, pois houve uma palestra para os alunos sobre assédio, somente depois da palestra é que a oficina começou. A oficina foi ministrada com apoio de outra acadêmica do curso de Letras que deu suporte durante as atividades da oficina, assim também a professora de classe, que igualmente a todos os dias, foi muito educada e receptiva. A professora conversou com os alunos, primeiramente, explicando sobre as atividades que seriam desenvolvidas, passando a responsabilidade da sala para a pesquisadora.

Começamos a oficina conversando com os alunos de forma despretensiosa, para quebrar o gelo e os alunos ficassem mais à vontade para interagir. Introduzimos o assunto falando sobre a leitura de textos literários livre, por iniciativa própria e pelo prazer de ler, para que eles pudessem ver esses textos de outra forma, não só como uma leitura obrigatória com vistas a avaliação e notas. A oficina contava com uma aula explicativa sobre leitura, a interpretação de textos literários e as formas que elas podiam ser reproduzidas.

Foto 2: Aplicação da oficina.



Fonte: Arquivo Pessoal. Castro, 2023.

Utilizamos uma apresentação em slide como recurso metodológico para expor e explicar o assunto de maneira dialogada com os alunos. Após a explicação, fomos para a parte prática que consistia em fazer os alunos interpretarem os textos que apresentamos em sala de aula, de forma livre e autônoma, para que eles colocassem em prática a leitura e interpretação.

Os textos que foram utilizados na oficina são: *Ou isto ou aquilo* e *A bailarina* de Cecília Meireles; *Amazônia* de Márcia Wayna Kambeba; *Rondel do Abacaxi* de Luiz Barcellar; *A velha contrabandista* de Sérgio Porto e *A avó* de Olavo Bilac. Os textos escolhidos foram com temáticas, gêneros e estilos literários diferentes para que os alunos pudessem ter contato com textos diversificados, os também puderam escolher o texto para pode realizar a atividade em grupo.

A oficina foi aplicada em uma turma de 8º ano do ensino fundamental II para 16 alunos, destacamos que uma das alunas é pessoa com deficiência intelectual, por isso, a oficina também foi pensada de forma a incluí-la nas atividades propostas.

Dessa forma, pensando nas dificuldades de leitura e escrita da aluna, utilizados um vídeo do poema *A bailarina*, esse texto também foi trabalhado com a aluna de maneira adaptada, pois trata-se de uma versão do poema ilustrado.

Os alunos foram divididos em grupo e escolhendo um dos textos disponibilizados para colocar sua criatividade em jogo, quando encontravam dificuldade de entender alguma parte do texto, solicitavam uma explicação e assim desenvolveram a atividade de maneira coletiva e prazerosa. A partir da leitura em grupo e discussão, os alunos fizeram a interpretação e adaptação do texto lido.

Foto 3: Atividade de leitura em grupo.



Fonte: Arquivo Pessoal. Castro, 2023.

Tratava-se da produção de um mural literário, utilizando cartolina, papel sulfite, pinceis e lápis de cor, em que os alunos podiam ilustrar ou reescrever o texto. Para a realização da atividade, a turma ficou livre para deixar a imaginação fluir da melhor maneira possível. Na observação feita durante a atividade, foi possível perceber que os textos literários contribuíram para estimular o cognitivo e reflexivo dos alunos.

Após a aplicação da oficina um questionário foi aplicado para saber como era a relação dos alunos a leitura de textos literários tanto em sala de aula quanto em outros ambientes, sem ser uma leitura obrigatória, mas uma leitura escolhida por eles. Fizemos a leitura em grupo das perguntas do questionário e a explicação para que não tivessem dúvidas. Ao final, os questionários foram recolhidos e compõem a análise de dados desta pesquisa. Um questionário também foi aplicado com a professora da turma para compreender de que forma a prática leitora é desenvolvida nas aulas de língua portuguesa.

CAPÍTULO III: RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS

3.1 PRÁTICAS DE LEITURA: A PERCEPÇÃO DOCENTE

3.1.1 Conceito de Leitura

Antes de iniciar a análise dos dados obtidos, é importante retomar conceitualmente o objeto de estudo desta pesquisa, a leitura. Entendendo que a leitura é a ação de ler algo, mas não é simplesmente a decodificação de signos linguísticos, ela vai bem além. Estamos acostumados com a ideia de que a leitura só é leitura se estiver sendo feita através de um texto, mas não é bem assim. O ato de ler supera esse delimitado conceito, a leitura pode ser feita de várias maneiras, de diferentes temáticas, não só com textos, essa é a forma mais comum de se fazer leitura, porém não é a única.

Maria Helena Martins (1997), em seu livro “O que é leitura?”, observa que a leitura tem uma relação bem restrita com a escrita e como as pessoas são vistas diante deste relacionamento ao dizer que “[...] sem dúvida, o ato de ler é usualmente relacionado com a escrita, e o leitor visto como um decodificador da letra” (Martins, 1997, p. 8).

Durante as observações da pesquisa, quando estivemos acompanhando a professora em sala de aula, foi possível notar o quanto ela se esforça e se desdobra para que seus alunos recebam uma educação de qualidade. A professora em questão era bastante atenciosa com os alunos, preocupada com a aprendizagem e em fazer uma aula prazerosa, transformando o espaço de aprendizagem e desmistificando a ideia de que adquirir conhecimento e estudar é monótono.

O ser professor é uma das profissões mais difíceis, considerando a desvalorização atual desses profissionais, uma atividade que precisa ser desempenhada com amor a profissão, empenho, dedicação e empatia. E também pela responsabilidade social que é atribuída aos professores como base fundamental no processo de formação de cidadãos críticos e conscientes.

As observações nos mostraram que a professora sempre buscava colocar seus alunos para praticar a leitura, sabemos que todas as aulas têm um tempo em torno de 45 a 50 minutos, um tempo muito reduzido em que se tem que desenvolver um conteúdo e uma atividade proposta no plano de aula. Por ser limitado o tempo, é difícil

de se pensar em como desenvolver a prática da leitura com os alunos e ainda cumprir todo o currículo da disciplina que, por vezes, não disponibiliza tempos específicos para a leitura.

Quanto a isso, a professora explica sobre o tempo das aulas de língua portuguesa que é dedicado exclusivamente para a prática da leitura:

Na prática diária sempre incentivo os alunos a praticarem a leitura, mais precisamente às sextas-feiras, nas quais são realizadas rodas de leitura e interpretação textual, mesmo assim, considero pouco tempo (Prof. LP, 2023).

Nesse sentido, percebemos que fica sob responsabilidade somente do professor criar metodologias que façam com que a prática de leitura se “encaixe” no dia a dia das aulas, sem que isso atrase o cronograma dos conteúdos que precisam ser repassados a cada bimestre. Vemos um comprometimento da professora em fazer com que os alunos possam refletir sobre os assuntos trabalhados em sala e como isso impacta na vida futura de cada aluno teria.

É contraditório que se tenha observado que a prática da leitura em sala de aula é uma iniciativa autônoma da professora para que os alunos tenham acesso aos diferentes gêneros textuais e que os conteúdos ministrados não pressuponham a leitura como parte fundamental.

A Base Nacional Comum curricular (BNCC) estabelece quatro eixos estruturantes, oralidade, análise linguística/semiótica, leitura/escuta e produção de textos. Além disso, no que tange ao componente curricular de língua portuguesa para os anos finais do ensino fundamental, também define quatro campos de atuação: artístico-literário, das práticas de estudo e pesquisa jornalístico-midiático e de atuação na vida pública. Esses campos apontam para a importância de que se contextualize o conhecimento escolar com a realidade vivida pelo aluno.

Tanto os eixos quanto os campos de atuação a BNCC dão destaque para a leitura e literatura, enfatizando o que pressupõe o campo artístico-literário que objetiva dar continuidade ao processo de:

[...] formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos

textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura (Brasil, 2017, p. 138).

Desta forma, é imprescindível que os currículos escolares contemplem esses pressupostos da BNCC e já indiquem aos professores maneiras de inserir a prática de leitura de sala, disponibilizando espaços para que os alunos possam ler e refletir suas leituras e professores não precisem se desdobrar para conseguir um tempo e “encaixar” a leitura como parte importante da aprendizagem.

3.1.2 Dificuldades de Leitura

A dificuldade com a leitura e, conseqüentemente, com a interpretação de textos em grande parte das pessoas ocorre pelo fato de que ao longo do tempo e do processo de aprendizagem, há certas limitações e dificuldades para se ter acesso aos livros. Em 2018, a pesquisa realizada pelo Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) mostra essa triste e difícil realidade dos leitores brasileiros:

Cerca de 50% dos estudantes brasileiros alcançaram o Nível 2 ou acima em letramento em Leitura [...] Embora seja um ponto positivo que cerca de metade dos estudantes brasileiros participantes do Pisa 2018 tenham alcançado o Nível 2 ou acima em letramento em Leitura, a outra metade não apresentou o nível mínimo de proficiência. Esse resultado provavelmente representa um grande obstáculo na vida desses jovens, dificultando ou até mesmo impedindo que eles avancem em seus estudos, tenham oportunidades melhores no mercado de trabalho e participem plenamente na sociedade (Brasil, 2020, p. 77).

Essa pesquisa foi realizada com estudantes entre 15 e 16 anos que estão cursando a partir do 7º ano do ensino fundamental. Os indicadores já demonstram que esses jovens terão dificuldades para ingressarem no ensino superior, considerando que a maioria está nas etapas finais da educação básica. Em uma pesquisa mais recente publicada em 2023, o Estudo Internacional de Progresso em Leitura (PIRLS), o Brasil ocupa a 58ª posição em proficiência de compreensão leitora de 65 países que foram avaliados. O estudo realizado com alunos do 4º ano do ensino fundamental apresentou que 62% dos estudantes apresentam baixo nível de leitura (Brasil, 2023).

Sabemos o quanto a leitura é importante para que as pessoas possam desenvolver sua capacidade crítica e analítica, que reflete na forma como se dialoga com outras pessoas sobre diversos assuntos. A leitura contribui para que se melhore

a capacidade de se comunicar de maneira clara, objetiva e com segurança, mas infelizmente vemos que a realidade da leitura dos estudantes brasileiros é outra, considerando essas pesquisas.

Algo importante de se destacar sobre a leitura, refere-se ao primeiro incentivo ao ato de ler que deveria iniciar dentro de casa, sendo o primeiro passo para começar vida/experiência leitora. A primeira dificuldade relaciona-se com o acesso aos livros, pois muitas famílias têm limitações financeiras ou os familiares provêm de uma educação bancária que não incentiva a leitura, criticada por Freire (1992). Logo, o resultado que temos são pais ou responsáveis que não foram estimulados à leitura e, conseqüentemente, também não estimulam seus filhos a terem o hábito de ler.

No processo de desenvolvimento das crianças quando entregamos a elas papel e lápis, a atitude desses pequenos leitores é de rabiscar o livro e até rasgar, por isso alguns pais podem entender isso como desperdício. No entanto, se a postura for de acompanhar esse processo e ensinar de que maneira tratar o livro, ao invés de repreender e tomar-lhes, a criança se aproxima da leitura, caso contrário, a criança fica sem vontade para folhear, ver ou rabiscar os livros, deixando-as mais distantes deste universo. O ideal seria que o hábito da leitura tivesse seu início no ambiente familiar, assim, ao crescerem e começarem a ir para a escola, as crianças tendem a ter uma outra ideia do mundo da leitura e uma proximidade maior com os livros.

A escola e os professores teriam o papel essencial de dar continuidade a esse incentivo para manter o interesse pela leitura vivo quando as crianças se tornam adolescentes e começam a fazer suas próprias escolhas de leitura, mas na maioria das vezes, esse estímulo é iniciado pela própria escola e falta participação da família nesse processo. Ressaltando que a leitura é importante em todos os níveis de ensino, principalmente, para os alunos que sofrem com pressão constante para o vestibular e escolha da carreira.

Percebemos essa perspectiva na realidade da sala de aula analisada, quando uma das respostas da professora entrevistada indica que o ambiente escolar é o único espaço onde os alunos desenvolvem a leitura:

*Os alunos sempre tem dificuldades com a leitura, mesmo que sejam incentivados todos os dias na sala de aula. Na minha opinião, **as aulas de L. Portuguesa apresentam-se como o único espaço para tal prática.** Desse modo, os estudantes sentem dificuldades para se expressar na leitura e interpretação (Prof. LP, 2023, grifo nosso).*

Isso concorda com a perspectiva de que no ambiente familiar falta incentivo ao ato de ler. Então, se a criança já tem o hábito da leitura, ao chegar nos anos iniciais conseguem com mais facilidade aprender os conteúdos. Porém, a criança que não tem esse estímulo encontra mais dificuldade no seu processo de ensino-aprendizagem. Ter contato com a leitura desde os primeiros anos na escola é muito benéfico e alguns alunos, devido a esse incentivo, acabam adquirindo gosto pela leitura, e ao avançarem nas fases de sua educação vão construindo sua identidade leitora, mas às vezes ainda encontram entraves para terem acesso a livros (Zilberman, 1991).

A professora destaca que a realidade de alunos que não gostam de ler ou acham que ler é chato e sem sentido, parte da falta de estímulo inicial no ambiente familiar e também do uso frequentes de tecnologias:

*O hábito de ler **deveria ter o incentivo inicial na família, hoje com o uso frequente das tecnologias as crianças não visualizam a escrita e sim, os vídeos, áudios, etc.**, ou seja, buscam a forma mais fácil para se comunicar. Assim, os materiais escritos e principalmente impressos são pouco consumidos, deixando essa “deficiência” na prática da leitura e interpretação textual (Prof. LP, 2023, grifo nosso).*

Então, vemos que a professora consegue perceber a falta de incentivo dos pais com os alunos, refletindo na capacidade e do gosto por procurar ler além do ambiente escolar e sem a finalidade obrigatória que a disciplina exige por conta de trabalhos de aula. É preciso possibilitar que o aluno aprecie a leitura e cria gosto pela leitura, entendendo que ler aumenta o conhecimento.

Para além disso, a professora destaca a questão das novas tecnologias, que influenciam na escrita do aluno, partindo das novas linguagens, o “*internetês*”, uma linguagem curta, imediata e convergente, caracterizada pela superficialidade e pelo “[...] imediatismo de respostas e à efemeridade das informações, privilegiando análises superficiais e o uso de imagens e formas de expressão mais sintéticas, diferentes dos modos de dizer e argumentar característicos da vida escolar” (Brasil, 2017, p. 61).

Mas a negação das Tecnologias de Comunicação e Informação em sala de aula, demonstra uma certa contrariedade com o que pressupõe a BNCC, pois esse documento normativo já se atualizou pensando nas novas tecnologias como parte do ensino-aprendizagem. O uso frequente das tecnologias pelos alunos não deve ser

tomado como um problema, mas sim explorado em sala de aula como forma de contemplar a realidade social dos alunos que, em sua maioria, são nativos digitais, segundo a BNCC:

[...] é imprescindível que a escola compreenda e incorpore mais as novas linguagens e seus modos de funcionamento, desvendando possibilidades de comunicação (e também de manipulação), e que eduque para usos mais democráticos das tecnologias e para uma participação mais consciente na cultura digital. Ao aproveitar o potencial de comunicação do universo digital, a escola pode instituir novos modos de promover a aprendizagem, a interação e o compartilhamento de significados entre professores e estudantes (Brasil, 2017, p. 61).

Assim, o professor pode fazer uso das tecnologias em favor do processo de ensino-aprendizagem, inclusive como forma de incentivo à leitura e melhoramento dos índices de rendimento escolar, aproximando a sala de aula da realidade do aluno. Atualmente as pesquisas que investigam os índices de leitura dos estudantes das escolas brasileiras, mostra a necessidade de se pensar novas metodologias para potencializar a prática de leitura e, conseqüentemente, o desenvolvimento escolar do aluno, não somente nas aulas de língua portuguesa, mas também em outras disciplinas que necessitam da leitura e interpretação.

Retomando a pesquisa realizada pelo PISA e divulgada no portal do Ministério da Educação, o desempenho dos alunos brasileiros com a leitura está abaixo da média dos estudantes dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) que é 487, sendo que o país possui nível de proficiência em leitura de 413. Quando comparamos em nível estadual e municipal, esse índice é menor ainda: “[...] verifica-se que a média de proficiência em Leitura dos estudantes da rede estadual foi de 404 e da municipal, 330, ambas abaixo da média nacional” (Brasil, 2020, p. 78).

Esta pesquisa mostra que precisamos melhorar o desempenho com a leitura, não só por estatísticas, mas pela promoção de uma educação de qualidade e pela ampliação de conhecimento dos alunos. Outra questão mostrada nesta pesquisa refere-se aos índices por região: “A região Sul apresenta a maior média nacional (432), seguida das regiões Centro-Oeste (425), Sudeste (424), Norte (392)” (Brasil, 2020, p. 80).

Os índices refletem uma realidade educacional nortista histórica que vigora na região desde o período colonial pela falta de políticas públicas à educação e também

no nordeste do Brasil, são duas regiões que socialmente quando se fazem estudos nacionais, geralmente apresentam o menores índices de rendimento escolar, devido à falta de estrutura física e didático-pedagógicas para o desenvolvimento de práticas de ensino de qualidade para se tornarem equitativas frente às demais regiões do Brasil.

Essa realidade nacional é vista quando analisamos uma parcela desse universo, neste caso, uma turma de alunos do 8º ano do ensino fundamental. A professora esclarece a necessidade da utilização de métodos de ensino diferentes para chamar a atenção dos alunos quanto a prática da leitura, principalmente com aqueles que apresentam uma dificuldade maior para ler e interpretar.

Na escola temos estudantes que não foram alfabetizados, para esses eu trago materiais adaptados ao seu nível. Outros estudantes que não gostam de ler são inseridos nas equipes com alunos mais ativos, acredito que o método sempre traz resultados positivos, pois são motivados pelos colegas (Prof. LP, 2023).

Essa é uma realidade que se replica nas escolas, alunos que estão nos anos finais do ensino fundamental, mas ainda não foram alfabetizados e não conseguem ler e escrever. Ainda que a BNCC defina o foco da alfabetização nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental para o desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita.

A escola apresenta média de rendimento escolar de 93,3% de aprovação dos alunos nas séries de 6º a 9º ano do ensino fundamental. Os resultados divulgados pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), apontam um desempenho de 238,90 de proficiência dos alunos em língua portuguesa, isso significa que os alunos são capazes de:

Localizar informações explícitas em fragmentos de romances e crônicas.
Identificar tema e assunto em poemas e charges, relacionando elementos verbais e não verbais.
Reconhecer o sentido estabelecido pelo uso de expressões, de pontuação, de conjunções em poemas, charges e fragmentos de romances.
Reconhecer relações de causa e consequência e características de personagens em lendas e fábulas.
Reconhecer recurso argumentativo em artigos de opinião.
Inferir efeito de sentido de repetição de expressões em crônicas. (Brasil, 2020, p. 18).

Esse demonstrativo do desempenho dos alunos em língua portuguesa é nível 2, considerando que o Saeb define uma escala de 8 níveis de proficiência, podemos perceber que esses índices refletem a observação feita pela professora em sala de aula quanto a dificuldade dos alunos em relação a leitura e interpretação

3.2 PRÁTICAS DE LEITURA: A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS

3.2.1 Caracterização da Turma Investigada

O alvo da pesquisa é uma turma do 8º ano pertencente a rede municipal de ensino, uma turma composta por 20 alunos com idade entre 12 e 13 anos. Vale ressaltar que dentre esses alunos, há uma aluna com deficiência intelectual (DI), o que demanda um cuidado maior com as questões de ensino-aprendizagem e metodologia utilizada dentro da sala pela professora, por isso foi necessário pensar uma forma de incluir a aluna para que conseguisse participar das atividades da oficina de leitura e interpretação, promovendo um ensino inclusivo e contemplando os atuais documentos legais que norteia a prática da educação inclusiva sala de aula.

A Lei nº 13.146 que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), define os direitos da pessoa com DI à inclusão:

Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

Pensando nisso, foram organizadas atividades adaptadas para a aluna que contou com apoio da monitora. A oficina de leitura e a aplicação dos questionários foram realizadas com os alunos que estavam presentes na aula, sendo 16 alunos, nove meninas e sete meninos em que foi aplicado o questionário durante a oficina realizada na turma, em uma sexta-feira, tendo a professora cedido gentilmente dois tempos na turma. Mesmo que as aulas fossem de disciplinas diferentes, porque eram ministradas pela mesma professora, conseguimos estabelecer uma parceira que foi essencial para que as atividades fossem desenvolvidas com êxito.

Dos 16 questionários aplicados, sete foram selecionados para compor a análise dos resultados obtidos. Durante o período da pesquisa e da observação de campo acompanhamos as aulas da professora e a partir disso planejamos a oficina e os questionários considerando a realidade da turma, isso é importante para o pesquisador, que este conheça o universo de sua investigação. Então, ao pensar na oficina nos espelhamos nas aulas para que pudéssemos chegar os resultados que que obtivemos, o planejamento da oficina também foi acompanhado pela professora da professora.

Os alunos participaram da oficina e responderam o questionário no mesmo dia, o questionário contava com perguntas discursivas que buscavam entender o universo da leitura dos alunos. A primeira parte do questionário buscava caracterizar os participantes da pesquisa e assim começar a entender um pouco do mundo dos alunos da turma, questões que referiam-se quanto ao gosto pela leitura. As respostas foram diversas, e podemos categorizar que 10 alunos afirmaram gostar ler, 5 disseram que medianamente gostam de ler e a aluna com DI, devido as implicações de sua deficiência, não sabe ler.

A justificativa do porquê disso podemos analisar em algumas respostas que nos chamaram mais atenção pelos motivos apresentados para a negativa pelo gosto à leitura. Um dos alunos pontuou que gosta de ler *“mais ou menos, porque é muito vergonhoso ler na frente dos outros”*. As crianças que não desenvolvem o ato da leitura têm dificuldade em sala de aula, onde não conseguem se expressar, destacando que a leitura em voz alta do texto ajuda no desenvolvimento da oralidade do aluno e, conseqüentemente, na sua aprendizagem.

Outras respostas justificam que a falta de interesse na leitura é influenciada por fatores internos que dificultam que o aluno tenha atenção ou possa desenvolver a leitura sem interrupções, como afirma o aluno ao dizer que lê *“mais ou menos, por que sei lá não consigo me concentrar numa Leitura”*. Podemos analisar que esse aluno talvez não tenha sido incentivado no ambiente familiar à prática da leitura, por isso sente dificuldade para se concentrar ao ler um texto.

Analisando as respostas positivas dos alunos em relação a leitura, percebemos um reconhecimento por parte desses alunos da importância da leitura para o desenvolvimento do conhecimento e no processo de ensino-aprendizagem, justificando que:

Sim. Eu adoro ler, mas sempre leio algo. E quando vou ler, vou mais pela forma que a leitura penetra na minha mente e me faz imaginar tantas coisas, por minutos ela me tira do lugar onde estou, e me transporta para outros (Aluna A, 2023).

Sim porque a leitura é muito importante para mim, eu gosto sem de ler a leitura é muito bom pra mente, eu adoro a leitura e de ler (Aluna B, 2023).

Sim, porque ajuda a pensar melhor, refletir etc. (Aluna C, 2023).

Isso demonstra que o aluno consegue reconhecer as contribuições da leitura para a realização de outras atividades escolares. Os alunos entendem que a leitura ultrapassa o limite do papel e potencializa sua imaginação e reflexão, vai além da decodificação mecânica das letras e auxilia no desenvolvimento do pensamento e cognição. Nessa premissa, Todorov (2009, p. 76) assevera que ler literatura “[...] pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver”.

A aluna com DI teve as respostas transcritas pela monitora, a aluno que *“ainda não sei ler, estou conhecendo as sílabas, mais sei copiar do quadro”* (Aluna F, 2023). Esta é uma resposta importante e que pode ser interpretada de várias formas, pois pode ser entendido como uma falha no sistema educacional de não ter proporcionado a aluno um ensino inclusivo que contemplasse suas particularidades, disponibilizando para a aluno Atendimento Educacional Especializado (AEE), uma vez que a aluna está no 8º ano e somente agora está no processo de conhecer as sílabas.

Ao acompanhar a turma, foi possível perceber o empenho da professora juntamente com a monitora da aluna para que ela pudesse participar das atividades da sala e não se sentir excluída da turma, observando sua individualidade para proporcionar a inclusão da aluna.

A pesquisa buscou pontuar o acesso desses alunos aos livros, sobre o contato com a leitura para além da sala de aula: 6 alunos responderam que não tem contato com livros fora da sala, um desses alunos que respondeu não ter esse contato foi a aluna com DI, considerando que ela não sabe ler, e 10 afirmaram ter o contato com os livros fora do ambiente escolar, mostrando que a maioria buscar ler mesmo não estando dentro da sala de aula, é em casa ou na escola que os alunos desenvolvem a leitura.

Ainda sobre a caracterização dos alunos buscou-se saber se eles conseguiam ler e interpretar textos com facilidade ou se tinham dificuldade. Os questionários

tiveram respostas diversas, somaram-se que 5 alunos dizem conseguir ler e interpretar com facilidade, 6 dizem conseguir ler, porém encontram dificuldades em interpretar e 5 dizem não conseguir realizar ambas as atividades.

Visualizamos esse cenário a partir das respostas dos alunos citadas abaixo:

Ler e interpretar às vezes é um desafio pra mim, tenho problemas pra concentrar e releio novamente, e fazer um bom entendimento é preciso, mas complicado (Aluna A, 2023).

Sim eu conseguir sim interpretar o texto com facilidade (Aluna B, 2023).

Não porque eu axo muito dificio interpretar um texto ou alguma outra coisa (Aluna D, 2023).

Ler e entender o texto consigo mas interpretar não é muito meu forte (Aluno G, 2023).

Considerando essas respostas, analisamos a leitura e interpretação mostra-se como um desafio para os alunos, principalmente, quanto se trata do ato de interpretar o texto lido. Todorov (2009, p. 77) aponta que “a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos. A realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente (mas, ao mesmo tempo, nada é assim tão complexo), a experiência humana”.

É possível inferir também que a falta de práticas leitoras interfere na forma de escrita dos alunos, em que vemos uma escrita fora da norma-padrão no que diz respeito a ortografia e pontuação. Voltamos a apontar que o texto literário não deve ser utilizado somente com fins gramaticais, mas é importante destacar a dificuldade em desassociar a leitura da escrita e vice-versa, e uma tem influência no desempenho da outra.

A acompanhante da aluna com DI transcreveu a resposta da mesma em que ela diz que: “*Não sei, eu sou DI e não consigo ler e interpretar*” (ALUNA D, 2023). Mesmo com a limitações impostas pela deficiência, a aluna acompanha a turma e desenvolve atividades dos conteúdos, desde que adaptados para a sua realidade.

Dentro do que rege a BNCC (2017, p. 136):

Selecionar e aplicar metodologias e estratégias didático-pedagógicas diversificadas, recorrendo a ritmos diferenciados e a conteúdos complementares, se necessário, para trabalhar com as necessidades de diferentes grupos de alunos, suas famílias e cultura de origem, suas comunidades, seus grupos de socialização etc.;

Então, nesse processo de ensino-aprendizagem, o professor precisa considerar as particularidades da turma e dos alunos na hora de selecionar o tipo de leitura. Nesse sentido, buscamos perguntar aos alunos se eles tinham algum livro favorito e a maioria dos alunos, 10 ao todo, disseram ter livros favoritos e os outros 6 afirmaram não ter. Vale ressaltar que os livros citados por eles eram dos gêneros romance, religiosos e histórias como *O pequeno príncipe* e livros de Monteiro Lobato. Alguns não conseguiam lembrar o nome dos livros, mas o citaram o gênero ou o autor de seu livro favorito como observado nas seguintes respostas: “*Sim o meu livro favorito é de romance eu achei ele interessante pra mim eu adoro ele o meu livro*” (Aluna B, 2023).

A partir do conhecimento que o professor tem sobre os alunos, é possível traçar estratégias de leitura baseadas nos gostos dos alunos como forma de instigá-los a ler com mais frequência, apresentar a eles diferentes gêneros textuais e utilizar livros que fazem parte do universo do alunado. Esse conhecimento prévio sobre os hábitos leitores dos alunos ajuda o professor a estabelecer um relacionamento de troca de experiências, em que o professor não apenas impõe uma leitura, mas pergunta aos alunos que eles gostariam de ler. Trata-se da utilização de uma metodologia ativa, pois os alunos aprendem de forma mais autônoma e participativa e são potencializadores do seu próprio ensino-aprendizagem.

3.2.2 A Leitura na Escola

O ambiente escolar precisa estar sempre preparado para receber os alunos e dar a eles as melhores condições para um aprendizado digno e prazeroso, fazendo com que eles adquiram o máximo de conhecimento possível. É esperado que na escola os alunos tenham contato com múltiplas linguagens e saberes para que eles consigam se tornar pessoas com senso de criticidade, usem o conhecimento que estão adquirindo de forma autônoma e, claro, de maneira respeitosa nas mais diversas situações comunicativas.

Quanto ao ambiente escolar, este deve oferecer para os alunos espaços onde se possa ocorrer a experiência leitora de forma confortável. Por isso quando questionados sobre se a escola oferece espaços para a leitura, os alunos responderam que:

Para oferecer, tem. Mas nem sempre tá disponível pra nós, raramente nós vamos até lá (Aluna A, 2023).

Sim a escola tem esse espaço para os alunos ler, que si chama, cantinho da leitura (Aluna D, 2023).

Sim oferece mas é meio difícil de usar esse espaço (Aluno G, 2023).

Considerando sua realidade, os alunos descrevem que mesmo com a existência de um espaço próprio para a leitura, eles têm dificuldade em ter acesso ao ambiente. O espaço ao qual os alunos se referem é a biblioteca da escola que nem sempre está disponível para que os alunos possam fazer uma leitura concentrada. É importante que as iniciativas propostas pela escola sejam acessíveis a todos, o cantinho da leitura citado pelo Aluno D.

Foto 4: Biblioteca da escola.



Fonte: Arquivo Pessoal. Castro, 2023.

Esse espaço também precisa ser acessado pelos alunos e possam fazer leituras dentro da escola, mas possível pensar na modalidade de empréstimo de livros como forma de incentivo para a continuidade da leitura em casa. A escola precisa ter esse lugar e torná-lo acessível para todos, que todos os alunos consigam e queiram estar neste ambiente.

Além de um espaço físico adequado e confortável para a prática da leitura, é importante também que as aulas de língua portuguesa para a leitura em sala de aula de forma compartilhada dos textos literários. Estas leituras precisam ser espontâneas e livres, para além das leituras obrigatórias da disciplina. Quanto a isso, os alunos apresentam como a leitura acontece em sala de aula:

Sim, sendo sincera às vezes é meio que obrigada, poucas vezes pelo prazer em querer ler (Aluna A, 2023).

Sim com certeza tem sim espaço pra mim ler (Aluna B, 2023).

Sim o Português tem espaço na leitura para ensinar (Aluno E, 2023).

Sim têm obrigação que o professor faz leitura e também ensina e também ela manda fazer o trabalho (Aluno F, 2023).

Pelo relato dos alunos, o ato de ler ainda está baseado em uma leitura obrigatória que pressupõe somente aprendizagens quantitativas de avaliação e notas. Desta maneira, vemos a importância o papel que a escola e o professor têm na vida leitora dos alunos, eles são atores fundamentais para a formação de leitores literários, desenvolvendo atividades didático-pedagógicas de incentivo à leitura.

3.2.3 Motivação para Leitura

Quando não gostamos de algo ou temos uma experiência negativa, dificilmente em qualquer circunstância que encontrarmos ou tivermos que fazê-la, não será consideraremos como uma experiência agradável. É difícil dar uma nova chance para que a opinião seja mudada e possamos ter uma outra experiência para esquecer a negativa. Isso também pode ocorrer com a leitura, uma vez que não há um bom relacionamento com os livros, crianças e adolescentes acabam rejeitando qualquer atividade de leitura e consideram que ler é uma atividade chata e desinteressante. Esse pensamento é resultado do ambiente e da forma como os livros são apresentados para os alunos.

Durante o tempo de observação podemos notar alguns desses aspectos dentro da escola e como os alunos tinham o contato com livros, nem sempre era somente dentro da sala ou porque a professora havia pedido, mas por uma vontade pessoal de cada aluno, o que é um grande avanço. Ao conversar com alguns alunos, eles informalmente responderam sobre a motivação ou a desmotivação para o contato com os livros. Alguns diziam que liam por conta própria, outros por conta da família que os incentivava a isso, e na escola havia a professora que preferia que eles estivessem sempre estivesse com um livro na mão.

Nos questionários, uma das alunas respondeu que gosta de ler por “*Querer conhecer novas visões, histórias, aumentar o conhecimento, e entender melhor as coisas*” (Aluna A, 2023). Outra aluna também entende que a prática leitora contribui

na sua vida, destacando que “*A leitura mim motiva a ler porque é importante para mim*” (Aluna B, 2023). Mas leitura também é vista como apenas um passatempo, um preenchimento de lacuna, entendendo que a leitura é “apenas a falta de algo pra fazer” (Aluno G, 2023).

Ainda que esse comentário possa parecer negativo, é possível que ao preencher apenas lacunas, a leitura acarrete o desenvolvimento de práticas cotidianas e se torne uma rotina, o que pode resultar em um hábito diário e poderá despertar no aluno o gosto pela leitura.

A turma investigada respondeu que prefere fazer leituras em casa, na escola ou na biblioteca, ainda que às vezes seja difícil ter acesso, mas preferem na biblioteca por ser um lugar silencioso em que podem se concentrar na leitura. Destacando que a leitura de livros físicos é melhor que livros virtuais, pois facilita a assimilar o conteúdo do livro ou texto literário escolhido para a leitura.

Por fim, encerrando a análise de dados, a última pergunta do questionário buscava saber o que pode ser feito para que os alunos se interessem e tomem gosto pela leitura, não como uma imposição, mas uma iniciativa de cada aluno em ler livros e textos de seu interesse. É importante possibilitar que o aluno tenha acesso a diferentes gêneros e possa escolher aquele que mais lhe agrada, conferindo-lhe autonomia leitora.

Quanto a essa pergunta, os alunos enfatizam a necessidade de incentivo à leitura e também a oportunidade de ter acesso a diferentes formas de leitura, sugerindo:

Que as escolas abram horários para que os alunos possam ler sempre que quiserem, disponibilizem livros, que trabalhem habitualmente com textos, aqueles que sejam de nosso interesse também (Aluna A, 2023).

Eu acho que eles devem largar mais o celular e ler mais livros (Aluna D, 2023).

Interesse de ler o livro que o professor manda e também fazer atividades e aprender as leituras (Aluno F, 2023).

Os alunos destacam que a prática da leitura é em parte motivada pela escola a partir da disponibilização de espaços e livros de fácil acesso para os alunos, destacando que o aluno precisa também ter interesse. Além disso, os alunos destacam que as novas tecnologias também interferem na prática de leitura, pois as

crianças e adolescentes estão cada vez mais dependentes dos aparelhos eletrônicos e virtuais.

A partir dessas observações, percebemos pela fala da professora e dos alunos que na sala de aula ainda desenvolve uma perspectiva de educação tradicional, mesmo que a docente destaque as aulas de sextas-feiras para a promoção de rodas de leitura, há negativa quanto ao uso das tecnologias em sala de aula. Ressaltamos mais uma vez o que define a BNCC quanto a inserção da cultura digital no processo de ensino-aprendizagem como forma de aproximar a escola do universo do aluno. Proporcionando um ensino coerente com as novas diretrizes educacionais e considerando as realidades sociais híbridas os alunos, utilizando as novas tecnologias a favor das práticas de leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, este trabalho buscou analisar e como se dá o incentivo e a prática de leitura dentro da sala de aula para contribuir com a comunidade escolar e, partir dessas observações, trazer reflexões relevantes no que diz respeito ao ensino-aprendizagem e as aulas de língua portuguesa. Uma vez que a leitura é importante na vida cotidiana de todos e também para o desenvolvimento das competências e habilidades dos alunos.

No âmbito educacional, a falta de comprometimento com a práticas de leitura prejudica o desempenho dos estudantes, considerando o ato de ler, é uma ação necessário em todos os componentes da educação básica. Analisamos os vários contextos que podiam fazer com que os alunos tivessem ou não o contato com os livros, textos literários e assim conseguir chegar a um consenso de como poderia ser feita um incentivo mais eficaz para leitura entre alunos e começassem a ver a realidade que os livros poderiam mostrar.

Um dos objetivos deste trabalho era verificar a forma que a leitura de textos literários era coloca para os alunos, pois partiu-se do pressuposto de que a leitura desses tipos de textos nas aulas de língua portuguesa era, exclusivamente, voltada para o ensino da gramática da língua portuguesa e não a leitura pela leitura para que os alunos lessem por prazer e adquirir o gosto pela leitura. A prática da leitura com fins para o estudo da língua só afasta mais os alunos dos livros.

Os alunos têm seus próprios gostos literários e em suas respostas vemos como as aulas de LP estão sendo realizadas, quanto a prática de leitura dentro de sala e ao espaço que a escola disponibiliza para a leitura. As respostas dadas no questionário foram essenciais para sanar algumas questões e vê como este processo de ensino-aprendizagem está acontecendo.

Por mais que uma parte dos alunos não tivessem o contato mais frequente com a leitura, eles não deixaram de ter um bom senso para responder as questões e realizar a atividade proposta por este trabalho. É necessário que as escolas façam um momento de escuta os alunos para que haja uma aquisição de conhecimento eficiente e eficaz, colocando-os no centro do processo de ensino-aprendizagem, sendo participantes ativos e protagonistas do conhecimento.

O universo da leitura é muito significativo e pode fazer com que as pessoas consigam se aventurar vários universos, sem sair de um único lugar, faz com que o

leitor se torne alguém crítico e reflexivo, uma vez que se torna conhecedor de múltiplos assuntos e adquire uma melhor oratória e vocabulário mais ampliado. Em comparação com aqueles que não tem o envolvimento com a leitura e apresentam dificuldades no desempenho nas atividades escolares, bem como da vida cotidiana. Mas sempre lembrando Paulo Freire, dizendo que a primeira leitura que possuímos é a leitura de mundo, nossas perspectivas, e a partir dela chegamos na leitura da palavra, que conseqüentemente resulta em uma ampliação de nossa visão de mundo.

Muitas mudanças acontecendo em todos no âmbito educacional, como as novas diretrizes educacionais, sendo a BNCC o documento atual que rege o ensino das escolas brasileiras. Mas ainda percebemos um ensino ainda segue o padrão tido como tradicional, a educação bancária apontada por Freire ainda persiste, mesmo que tenhamos um documento que ampare as novas mudanças e apoie métodos mais lúdicos.

Grande parte dos educadores ainda utilizam o método tradicional por ser mais conveniente, e não levam em consideração que as salas de aula estão também recebendo alunos que antes não podiam fazer parte das turmas, alunos com alguma deficiência - PcD, seja física, visual, auditiva, intelectual etc. Esse é um dos motivos para que eles tenham que mudar seus métodos, pois o padrão antigo/tradicional não atende a todos, nem grande parte das especificidades existentes em sala de aula hoje em dia.

Os resultados obtidos nesta pesquisa apontam que as práticas de leitura em sala de aula são iniciativas individuais dos professores e não um planejamento pedagógico da instituição. Há uma consciência docente que compreende a necessidade de se popularizar a leitura em sala, assim também há uma consciência leitora dos alunos que entendem a importância da leitura e de que forma ela impacta positivamente no seu desempenho educacional.

Assim, esta pesquisa é de relevância para a sociedade em geral, pois busca fazer um estudo sobre a realidade educacional, no que diz respeito ao ensino de literatura, destacando a importância do incentivo à leitura em sala de aula, uma leitura literária que visa despertar no aluno o ato de ler, não apenas por obrigação, mas também pelo prazer da leitura e suas contribuições no desenvolvimento de alunos pensantes e críticos.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL, **Lei nº 13.146**, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em 6 ago. 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Brasil no Pisa 2018**. Brasília, DF: Inep, 2020.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Brasil no PIRLS 2021**: Sumário Executivo. Brasília, DF: Inep, 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica**: Ensino Fundamental Regular - Anos Finais. Brasília, DF: Inep, 2020.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2002.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária**: uma introdução. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2011.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**. 2. ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013.

SILVEIRA, Denise Tolfo; GERHARDT, Tatiana Engel. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOUSA, Tátylla Michelle Alves de. **Contribuição do professor para o despertar do interesse pela leitura**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o Ensino da literatura**. Curitiba: Ibpex, 1991.